

EDUCAÇÃO E FUTURO DO TRABALHO: PERSPECTIVAS FREIRIANAS

EDUCATION AND THE FUTURE OF WORK: FREIREAN PERSPECTIVES

EDUCACIÓN Y FUTURO DEL TRABAJO: PERSPECTIVAS FREIREANAS

Freddy Studart¹

Universidade Estácio de Sá - UNESA

RESUMO

Este artigo reflete sobre as tensões entre demandas de adequação técnica da educação ao mercado de trabalho e ideais de formação crítica e emancipatória, tendo como referência a pedagogia freiriana. Analisa-se comparativamente três edições do Relatório sobre o Futuro do Trabalho do Fórum Econômico Mundial (2016, 2020, 2025), identificando mudanças nas preocupações sobre tecnologia e mercado de trabalho. A análise revela que, enquanto em 2016 a ênfase recaía sobre internet móvel, em 2025 a inteligência artificial assume protagonismo (86%). Observa-se evolução significativa: os primeiros relatórios enfatizavam competências técnicas específicas, enquanto os mais recentes destacam competências socioemocionais como pensamento criativo, resiliência e aprendizado ao longo da vida. Discute-se a contraposição entre abordagens racional-tecnológicas e sociocríticas, argumentando que há convergência não intencional entre competências demandadas pelos relatórios corporativos e princípios freirianos como curiosidade epistemológica e autonomia. Conclui-se que a conciliação entre transformações educacionais e ideais freirianos constitui projeto político-pedagógico que exige compromisso ético, construindo inéditos-viáveis que preparem estudantes não apenas para adaptar-se, mas para compreender criticamente e transformar a realidade social.

Palavras-chave: Paulo Freire; Educação crítica; Futuro do trabalho; Pedagogia; Tecnologia.

ABSTRACT

This article reflects on the tensions between demands for technical adaptation of education to the labor market and ideals of critical and emancipatory education, taking Freirean pedagogy as reference. Three editions of the World Economic Forum's Future of Jobs Report (2016, 2020, 2025) are comparatively analyzed, identifying changes in concerns about technology and labor market. The analysis reveals that while in 2016 the emphasis was on mobile internet, by 2025 artificial intelligence assumes prominence (86%). A significant evolution is observed: early reports emphasized specific technical skills, while more recent ones highlight socioemotional competencies such as creative thinking, resilience, and lifelong learning. The contrast between rational-technological and sociocritical approaches is discussed, arguing that there is an unintentional convergence between competencies demanded by corporate reports and Freirean principles such as epistemological curiosity and autonomy. It concludes that reconciliation between educational transformations and Freirean ideals constitutes a political-pedagogical project requiring ethical commitment, building untested feasibilities that prepare students not only to adapt, but to critically understand and transform social reality.

Keywords: Paulo Freire; Critical education; Future of work; Pedagogy; Technology.

¹ Doutor pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). Professor do programa de Pós-graduação em educação da Universidade Estácio de Sá (PPGE-UNESA), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Programa de Pós-Graduação em Educação Campus Presidente Vargas. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7820-1449>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6642967706933198>. E-mail: freddystudart@gmail.com.

RESUMEN

Este artículo reflexiona sobre las tensiones entre demandas de adecuación técnica de la educación al mercado de trabajo e ideales de formación crítica y emancipadora, teniendo como referencia la pedagogía freireana. Se analizan comparativamente tres ediciones del Informe sobre el Futuro del Trabajo del Foro Económico Mundial (2016, 2020, 2025), identificando cambios en las preocupaciones sobre tecnología y mercado laboral. El análisis revela que, mientras en 2016 el énfasis recaía sobre internet móvil, en 2025 la inteligencia artificial asume protagonismo (86%). Se observa evolución significativa: los primeros informes enfatizaban competencias técnicas específicas, mientras los más recientes destacan competencias socioemocionales como pensamiento creativo, resiliencia y aprendizaje a lo largo de la vida. Se discute la contraposición entre enfoques racional-tecnológicos y sociocríticos, argumentando que hay convergencia no intencional entre competencias demandadas por los informes corporativos y principios freireanos como curiosidad epistemológica y autonomía. Se concluye que la conciliación entre transformaciones educacionales e ideales freireanos constituye proyecto político-pedagógico que exige compromiso ético, construyendo inéditos-viables que preparen estudiantes no solo para adaptarse, sino para comprender críticamente y transformar la realidad social.

Keywords: Paulo Freire; Educación crítica; Futuro del Trabajo; Pedagogía; Tecnología.

INTRODUÇÃO

É inevitável não pensar sobre o futuro da escola frente às mais recentes mudanças experimentadas pela humanidade. A aceleração dos processos de globalização, as transformações no mundo do trabalho e a disseminação massiva das tecnologias digitais colocam a educação diante de desafios inéditos. Os últimos anos, marcados pela pandemia de COVID-19 e pela implementação abrupta do ensino remoto, evidenciaram ainda mais os limites dos modelos pedagógicos tradicionais para responder às demandas contemporâneas. Neste contexto de profundas transformações, surgem pressões de diferentes origens sobre os sistemas educacionais. De um lado, organismos internacionais e setores econômicos alertam para a urgência de adaptação da educação às novas exigências do mercado de trabalho, marcado pela automação crescente, pela inteligência artificial e pela obsolescência acelerada de competências profissionais. De outro, persistem as preocupações com a formação integral do sujeito, a promoção da autonomia crítica e a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Diante desse cenário, emerge uma questão fundamental: como conciliar as demandas por eficiência técnica e adequação ao mercado de trabalho com os ideais de uma educação emancipatória, crítica e humanizadora? Essa tensão não é nova no debate pedagógico, mas ganha contornos específicos no século XXI, quando as mudanças tecnológicas e econômicas se apresentam com velocidade e amplitude sem precedentes.

Este trabalho busca refletir sobre essas tensões a partir do diálogo entre diferentes perspectivas teóricas e documentos contemporâneos sobre o futuro do trabalho e da educação. O objetivo central é identificar convergências e divergências entre as propostas voltadas à

adequação técnica do ensino e aquelas comprometidas com uma formação crítica e emancipatória, tomando como referência os princípios da pedagogia freiriana.

Para tanto, o texto se organiza da seguinte forma. Inicialmente, discutimos o cenário educacional do século XXI a partir das contribuições de autores como Serres (2013), Nóvoa (2022) e Libâneo (2005), estabelecendo as bases conceituais que orientarão a análise posterior. Em seguida, apresenta-se uma análise comparativa de três edições do Relatório sobre o Futuro do Trabalho do Fórum Econômico Mundial (2016, 2020 e 2025), identificando mudanças e continuidades nas preocupações sobre transformações tecnológicas, competências demandadas e mercado de trabalho. Por fim, articulamos os achados com os autores recrutados do referencial teórico no contexto de uma educação crítica, levantando possibilidades de conciliação entre demandas contemporâneas e ideais emancipatórios.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa exploratória, de natureza documental e interpretativa. Para compreender as demandas contemporâneas sobre os sistemas educacionais, selecionaram-se três edições do Relatório sobre o Futuro do Trabalho do Fórum Econômico Mundial (2016, 2020 e 2025), escolhidas por representarem marcos temporais relevantes: o início da Quarta Revolução Industrial (2016), o contexto pandêmico (2020) e o cenário mais recente com inteligência artificial (2025).

A análise documental foi orientada teoricamente pelas contribuições de Libâneo (2005) sobre correntes pedagógicas, especialmente a distinção entre racionalidade tecnicista e perspectivas sociocríticas, e pelos princípios freirianos de educação crítica, tais como autonomia, curiosidade epistemológica e formação emancipatória. Esse referencial teórico forneceu as lentes conceituais para a leitura crítica dos relatórios, permitindo identificar tendências, mudanças e continuidades nas preocupações sobre tecnologia, competências e mercado de trabalho.

Os relatórios foram analisados mediante leitura sistemática e identificação de categorias recorrentes relacionadas a tecnologia, competências profissionais e transformações do trabalho. Para cada edição, extraíram-se dados quantitativos sobre tendências prioritárias e dados qualitativos sobre concepções de educação e formação profissional.

A escolha metodológica de concentrar a análise nos relatórios do Fórum Econômico Mundial justifica-se por sua relevância como síntese de tendências identificadas junto a milhares de empresas globalmente, constituindo indicador significativo dos discursos hegemônicos sobre trabalho e educação. A análise documental desse tipo de fonte permite identificar padrões e

mudanças nos enquadramentos dominantes sobre competências profissionais. Estudos futuros poderiam ampliar o corpus incorporando outros organismos internacionais e investigar empiricamente a implementação prática dessas propostas em contextos educacionais específicos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: CORRENTES PEDAGÓGICAS E PERSPECTIVAS

FREIRIANAS

As discussões sobre o futuro da escola no século XXI têm mobilizado diversos autores. Serres (2013) e Nóvoa (2022) nos provocam a refletir sobre o papel da escola e o perfil dos educandos contemporâneos.

Serres (2013) traça o perfil do estudante do século XXI, um indivíduo atual, que questiona de que forma o conteúdo deve ser transmitido. Um aluno autônomo, hiper conectado com uma relação nova, em ubiquidade com o tempo e espaço educacional. Nóvoa (2022) observa a estagnação do modelo escolar, que se estrutura ainda, majoritariamente, conforme um modelo que sofreu poucas mudanças nos últimos 150 anos; turmas grandes, normalização da distribuição das carteiras, um professor fazendo exposição conforme um programa curricular fechado e normatizado. De uma forma ou de outra, os autores explicitam os descompassos entre as idiosincrasias dos atores do processo educacional, os modelos de ensino vigentes e as singularidades da modernidade.

Os documentos divulgados pelo Fórum Econômico Mundial nos Relatórios sobre o futuro do trabalho (2016, 2020, 2025) analisam uma série de preocupações e previsões acerca das transformações e demandas para a formação profissional. Cabe reconhecer que estes relatórios expressam sobretudo a perspectiva de grandes empregadores corporativos, constituindo uma voz significativa, mas não única, no debate sobre educação e trabalho.

Após anos de crescente desigualdade de renda, preocupações acerca da redução do número de empregos por conta da tecnologia e a crescente discórdia social em todo o mundo, os choques de saúde e econômicos combinados de 2020 colocaram as economias em queda livre, prejudicando mercados de trabalho e revelando plenamente as inadequações do nosso contrato social. Globalmente, milhões de indivíduos perderam seus meios de subsistência e milhões mais estão em risco por conta da recessão global, tal como pela mudança estrutural da economia em direção a automação. Além disso, a pandemia, e a recessão subsequente, impactaram a maioria daquelas comunidades que já estavam em desvantagem. (Fórum econômico mundial, 2020 p. 3)

Uma leitura preocupante da situação atual, evidenciando preocupações voltadas para diversas frentes, desde as mais imediatas, associadas as questões emergências da pandemia e

subsequentes dificuldades econômicas, como também àquelas relacionadas às novas características do mercado de trabalho; o temor da substituição da mão-de-obra humana pela automação assim como os impactos da desigualdade social no panorama laboral.

O relatório alerta para o momento crítico de optarmos por promover uma mudança significativa na condução da formação educacional, à guisa de responder a esses novos eventos, sob risco de enfrentarmos uma crise humanitária de desemprego, acentuando ainda mais a desigualdade e pobreza entre as nações. O documento aponta principalmente para a educação como solução mais efetiva para permitir a ascensão social entre os menos desfavorecidos, promover igualdade de oportunidades e não permitir um catastrófico desperdício de potencial humano, frente a inabilidade de integração profissional, no contexto da última revolução tecnológica digital (Fórum econômico mundial, 2020 p. 3).

Como diz Libâneo (2005 p. 01), “a pedagogia ocupa-se das tarefas de formação humana em contextos determinados por marcos especiais e temporais”. A realidade contemporânea, especialmente a luz da globalização, em função das mudanças tecnológicas e de paradigma de trabalho, mostra-se como cenário desafiador para o educador no século XXI. Em um contexto de novas demandas do mercado de trabalho, frente a pressão por soluções tecnicistas, adaptadas a anseios de mercado (LIBÂNEO 2005, p. 11), como conciliar com a prática educativa Freiriana - aquela como meio de construção do indivíduo crítico e autônomo, em busca da prática de ensinar-aprender como ferramenta de construção de liberdade e autonomia, participando de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética (FREIRE 2011, p. 20)? Libâneo (2005, p.3) frisa a missão da escola em formar sujeitos preparados para sobreviver em sociedade, ressaltando que para isso se faz necessário o aprendizado de diversas habilidades, tais como, ciência, arte, cultura, mas também da autonomia do pensar, de resolver dilemas, senso de responsabilidade e consciência de direitos e deveres. Cita a importância de ter uma autoimagem positiva, desenvolver capacidades cognitivas e de apropriar-se criticamente dos benefícios de tais conhecimentos em favor de seu trabalho e vida cotidiana. Nesse contexto, as práticas pedagógicas escolares necessariamente implicam em decisões que afetam o destino humano das pessoas, requerendo reflexão holística acerca dos múltiplos desafios a serem enfrentados pelo educando.

As tarefas mais visíveis do agir pedagógico, considerando a relevância da formação geral básica como um dos elementos determinantes da condição de inclusão ou exclusão social, podem ser sintetizadas nestes objetivos: a) provimento de mediações culturais para o desenvolvimento da razão crítica, isto é, conhecimento teórico-científico, capacidades cognitivas e modos de ação; b) desenvolvimento da subjetividade dos alunos e ajuda na construção de sua identidade pessoal e no

acolhimento à diversidade social e cultural; c) formação para a cidadania e preparação para atuação na realidade. (LIBÂNEO, 2005 p.5)

Em um contexto macroeconômico de gigantescas mudanças tecnológicas e sociais, especialmente no que tange o mercado de trabalho, é razoável se esperar uma pressão de mercado para reformas radicais e uma adaptação utilitarista para o processo pedagógico. Em seu texto, Libâneo (2020) disserta sobre a multiplicidade de correntes e teorias pedagógicas, estas sempre ligadas aos acontecimentos cruciais de seus tempos. Entre as teorias modernas, dentre as listadas, podemos destacar duas correntes que trazem respostas para as questões supracitadas; a corrente racional-tecnológica e a sociocrítica.

A racional-tecnológica, está alinhada com as demandas do sistema produtivo, encarando o processo educacional como um meio de capacitação do indivíduo numa perspectiva economicista. A concepção curricular se volta para as competências, assentada em habilidades e destrezas a serem dominados pelo educando. Divide-se em duas vertentes, o ensino de excelência, concebido para a formação da elite intelectual e técnica, assim como o ensino de formação técnica, que pretende centrar-se no treinamento da mão-de-obra intermediária. É uma corrente fundamentada na racionalidade técnica e instrumental, alinhada com as mais refinadas de transmissão de conhecimento, frequentemente fazendo uso das mais modernas tecnologias (LIBÂNEO, 2005, p. 11).

Em contrapartida, as teorias sociocríticas desenvolvem-se a partir de uma perspectiva pedagógica com ênfase na preocupação com a realidade, desigualdades sociais e as relações de poder implícitas. São correntes que colocam o educador como um mediador do aprendizado, não uma fonte unilateral de conhecimento. Tem como objetivo despertar os estudantes para questões de formação social e política. Questiona como os saberes são construídos, os currículos ocultos e a primazia de um modelo de ensino voltado para o mercado. Prioriza a formação de um indivíduo inserido na coletividade, que concilia atividades socioculturais compartilhadas através valorização da sociabilidade e da cultura popular. “Constitui-se, assim, numa teoria da educação assentada no diálogo e na participação, visando a emancipação dos sujeitos” (LIBÂNEO, 2005, p. 15).

O cerne da mensagem do patrono da educação brasileira, Paulo Freire, em resposta a muitos desafios da educação, permeia sempre a valorização das identidades do indivíduo, a construção do saber no educando, e o ensinar a pensar. Freire afirma

No fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdades, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no

aprendizado de sua autonomia. Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente. (FREIRE, 2011 p.74)

A marca da educação Freiriana é a ênfase do indivíduo como ser livre, autônomo no pensar, consciente de suas faculdades, capaz de indagar, questionar e entender o mundo. Freire diferencia uma educação crítica, dialógica, amorosa e emancipatória, com olhar para a autonomia e liberdade, de uma educação bancária, caracterizada como antidialógica, autoritária, excludente, discriminatória e segregacionista.

No processo de ensino, Freire tem como preciosos valores a ética e o respeito a humanidade do educando. Contrário à prática de “falsear a verdade, iludir o incauto, golpear o fraco e indefeso, soterrar o sonho e a utopia, prometer sabendo que não cumprirá a promessa (FREIRE, 2011 p.13)”, condenando a submissão do educando. É opositor veemente da ideologia fatalista imobilizante, que “insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou a virar 'quase natural’” (FREIRE, 2011, p. 16).

Respeito pelas diferenças culturais, econômicas e sociais da população. O educando nunca é visto dissociado de suas origens regionais, de seu microcosmo de origem. Freire dá destaque sobretudo ao respeito dos saberes das classes populares, construídos na prática comunitária, na experiência e na vivência cotidiana. Um tipo de cultura frequentemente desvalorizado pelos currículos tradicionais, orientados pela correntes racionais-tecnológicas.

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? (FREIRE, 2011, p. 25).

Portanto trata-se de uma metodologia de ensino voltada para o fomento da curiosidade epistemológica, aquela movida para compreender as origens do conhecimento. A prática da liberdade como ação e reflexão. Uma pedagogia embricada por um chamado político, ético e crítico, vinculando o aprender como um modo de vida. Com a práxis social, promover a ação transformadora, em luta pela dignidade humana e autonomia do educando.

Os relatórios do Fórum econômico mundial, no que tange o trabalho (em especial o de 2020, p. 49), alertam para um futuro assolado por sucessivas ondas de desemprego em função da manutenção de um modelo de ensino em descompasso com as demandas de uma indústria em rápida mudança, progressivamente cada vez mais tecnológica. Neste novo contexto, pela primeira vez nos últimos anos, a criação de empregos está começando a ficar para trás obsolescência de

postos, e este fator está prestes a afetar trabalhadores desfavorecidos com particular ferocidade. No entanto, o relatório conclui chamando a atenção para a oportunidade de se agir em duas frentes; criar uma rede de proteção ao desemprego, mas também promover ações de promoção a educação e investimento na capacitação da mão-de-obra.

O momento atual oferece uma oportunidade para líderes em negócios, governo e políticas públicas com foco comum em esforços para melhorar o acesso e a entrega de requalificação e requalificação, motivando a redistribuição e reemprego, bem como sinalizar o valor de mercado de aprendizagem que pode ser entregue através da educação tecnologia em escala (WORLD ECONOMIC FORUM, 2020, p. 49).

A luz do exposto, diante de um cenário de profundas transformações sociais, mudanças nos paradigmas do trabalho e de rápidos avanços tecnológicos, torna-se vital discutir como conciliar as metamorfoses requeridas ao processo de educação e formação com o projeto de avançar na construção de um ideal educacional Freiriano. Conforme Oliveira e Carvalho (2021), podemos estar na presença de uma *situação-limite*, momento crítico onde dimensões desafiadoras da realidade impõe obstáculos notáveis. Diante desta constatação, a superação adviria através de *atos-limite* para a construção de *inéditos-viáveis*. Um projeto de ação voltado para um pragmatismo otimista, alinhado com um projeto de materialização da esperança.

(...) praticam, invisivelmente, cotidianamente, germinando sementes nas crises como a de agora, acreditando e lutando para que floresçam como inéditos antes viáveis e depois tornados realidade, como realização do que antes, era possível, mas ainda-não estava realizado [...] tecendo inéditos viáveis diante de situações-limite, como a atual (OLIVEIRA; CARVALHO, 2021, p. 372).

Portanto, um convite a um pensamento holístico, concatenando os ideais Freirianos como resposta a problemática disruptiva da revolução tecnológica, para que “possamos esperar e sonhar com ele, tecendo *inéditos viáveis* diante de *situações-limite*, como a atual” (OLIVEIRA; CARVALHO, 2021, p. 372).

ANÁLISE DOS RELATÓRIOS DO FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL (2016-2025)

O relatório de 2016 foi publicado no momento caracterizado como início da “Quarta Revolução Industrial”. Naquele contexto, a principal preocupação tecnológica era a “internet móvel e tecnologia em nuvem” (34%), seguida por “poder de processamento e Big Data” (26%). A robótica e transporte autônomo apareciam com apenas 9% das menções, enquanto a inteligência artificial registrava apenas 7%. O relatório projetava que, entre 2015 e 2020, as mudanças tecnológicas e socioeconômicas poderiam resultar em uma perda líquida de mais de 5,1

milhões de empregos, com perda total de 7,1 milhões de postos concentrados em funções administrativas e de escritório. Um dado particularmente relevante era a estimativa de que 35% das habilidades essenciais dos trabalhadores sofreriam disrupção nos anos seguintes. O documento enfatizava que, diferentemente de revoluções industriais anteriores, a velocidade das transformações não permitiria mais décadas para construir sistemas de treinamento adequados.

O relatório de 2020 foi marcado profundamente pelo contexto da pandemia de COVID-19 e seus impactos nos mercados de trabalho. O documento descrevia um cenário de “queda livre” das economias, com milhões de pessoas perdendo seus meios de subsistência. Diferentemente do relatório de 2016, que mantinha um tom mais prospectivo, o de 2020 carregava uma urgência maior, enfatizando que o momento era crítico para optar por promover uma mudança significativa na formação educacional, sob risco de enfrentar uma crise humanitária de desemprego que acentuaria ainda mais a desigualdade e a pobreza. O relatório apontava principalmente para a educação como a solução mais efetiva para permitir a ascensão social, promover igualdade de oportunidades e evitar um “desperdício catastrófico de potencial humano”.

O relatório de 2025 apresenta um panorama mais complexo e multifacetado. O documento identifica cinco grandes tendências como principais motores de transformação: mudança tecnológica, fragmentação geoeconômica, incerteza econômica, mudanças demográficas e transição verde. No campo tecnológico, observa-se mudança significativa: o “acesso digital ampliado” é apontado como a tendência mais transformadora (60% dos empregadores), seguido por “avanços em tecnologias, particularmente IA e processamento de informação” (86%). Uma novidade é a proeminência da crise climática, com a “mitigação das mudanças climáticas” aparecendo como a terceira tendência mais transformadora (47%). Outra dimensão nova é a fragmentação geoeconômica e tensões geopolíticas, esperadas para impulsionar a transformação do modelo de negócios em um terço das organizações nos próximos cinco anos.

A análise dos três relatórios revela tanto continuidades quanto mudanças significativas. As continuidades mais evidentes dizem respeito à centralidade da tecnologia como motor de transformação, à preocupação persistente com a desigualdade social e ao desemprego tecnológico, e à ênfase na necessidade urgente de requalificação profissional. No entanto, observa-se uma evolução importante na compreensão sobre quais competências serão mais demandadas. Enquanto em 2016 a ênfase estava em “analistas de dados” e profissionais técnicos especializados, os relatórios subsequentes, especialmente o de 2025, destacam crescentemente a importância de competências socioemocionais: pensamento criativo, resiliência, flexibilidade,

curiosidade, aprendizado ao longo da vida, liderança e influência social. Esta mudança sugere um reconhecimento de que, em contextos de rápida transformação tecnológica, competências humanas relacionais e adaptativas podem ser tão ou mais importantes que competências técnicas específicas, que rapidamente se tornam obsoletas.

Além das competências individuais, os relatórios também revelam preocupações crescentes com questões coletivas e sistêmicas da educação. O relatório de 2025, em particular, enfatiza a necessidade de parcerias entre governos, empresas e instituições educacionais para garantir acesso equitativo às oportunidades de formação, especialmente para populações vulneráveis. Esse reconhecimento, de que as transformações tecnológicas podem aprofundar desigualdades existentes, abre espaço para diálogos com perspectivas críticas que historicamente denunciam a reprodução de privilégios pelos sistemas educacionais. Assim, mesmo em documentos orientados por lógicas de mercado, se identificam contradições e aberturas que podem ser aproveitadas pedagogicamente para questionar, não apenas quais competências desenvolver, mas fundamentalmente para quem, em que condições e com quais finalidades a educação deve ser transformada.

Os achados podem ser interpretados à luz das categorias de Libâneo (2005), conforme representado no referencial teórico. Os relatórios mais recentes ainda permanecem fundamentados em racionalidade tecnicista voltada às demandas produtivas, no entanto, incorporam progressivamente elementos que caracterizam perspectivas sociocríticas de educação. A valorização de pensamento criativo, autonomia e aprendizado contínuo se aproxima de princípios defendidos pela pedagogia crítica. A diferença está nas finalidades: a racionalidade tecnicista visa adaptação funcional ao mercado enquanto a perspectiva sociocrítica busca formação de sujeitos capazes de compreender e transformar criticamente as estruturas sociais.

Sob a ótica freiriana, a ênfase em curiosidade, criatividade e aprendizado contínuo ressoa com conceitos como curiosidade epistemológica e educação permanente. Os relatórios corporativos enfatizam essas competências para adaptabilidade individual em mercados voláteis. Freire as posiciona no horizonte da conscientização e da práxis transformadora. Essa convergência não intencional entre discursos aparentemente antagônicos revela o que Freire chamaria de “inéditos viáveis”. As aberturas nos discursos hegemônicos sobre educação e trabalho podem (e devem) ser pedagogicamente aproveitadas. O desafio seria promover formações que respondam às urgências contemporâneas, porém, sem abdicar do compromisso com justiça social e emancipação humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou refletir sobre as tensões entre as demandas por adequação técnica da educação ao mercado de trabalho e os ideais de uma formação crítica e emancipatória, tomando como referência os princípios da pedagogia freiriana.

A análise dos relatórios do Fórum Econômico Mundial (2016-2025) revelou deslocamentos significativos nos discursos hegemônicos sobre trabalho e educação. Se em 2016 a preocupação central estava na internet móvel e requalificação técnica emergencial, em 2025 a inteligência artificial assume protagonismo absoluto (86%), acompanhada por novas dimensões como crise climática (47%) e fragmentação geoeconômica (34%). Mais relevante ainda é a crescente valorização de competências socioemocionais como pensamento criativo, resiliência e aprendizado contínuo, em detrimento de habilidades técnicas específicas que rapidamente se tornam obsoletas. Como demonstrado na análise, essas mudanças revelam aberturas nos discursos corporativos que podem ser pedagogicamente aproveitadas.

A questão central não é se a educação deve preparar para o trabalho, mas como fazê-lo sem abdicar da formação de sujeitos críticos capazes de compreender e transformar as estruturas que produzem desigualdades e injustiças. Preparar estudantes para inteligência artificial significa não apenas ensiná-los a usar ferramentas, mas desenvolver capacidade de análise sobre impactos sociais, políticos e éticos dessas tecnologias, especialmente no que tange leitura crítica de dados nesta nova era de desinformação e notícias falsas que se descortina e ameaça instituições democráticas. Nesse contexto, o papel do professor assume uma centralidade renovada. A formação docente precisa contemplar, não apenas o domínio de tecnologias e metodologias contemporâneas, mas também a capacidade de exercer mediação crítica entre as demandas do mundo produtivo e os princípios de uma educação emancipatória. Professores preparados para essa mediação podem construir práticas que dialoguem com as transformações sem perder de vista a dimensão política e humanizadora da educação.

A escolha metodológica de concentrar a análise nos relatórios do Fórum Econômico Mundial justifica-se por sua relevância como síntese de tendências identificadas junto a milhares de empresas globalmente, constituindo indicador significativo dos discursos hegemônicos sobre trabalho e educação. Acreditamos que estudos futuros possam ampliar o *corpus* incorporando outros organismos internacionais, além de investigar empiricamente a implementação prática dessas propostas em contextos educacionais específicos, o que permitiria aprofundar a compreensão sobre como esses discursos se materializam em práticas concretas.

A conciliação entre as transformações contemporâneas e os ideais freirianos não é impossibilidade, mas projeto político-pedagógico que exige clareza de propósitos e compromissos éticos. Este estudo buscou contribuir para essa reflexão, esperando estimular investigações futuras que aprofundem tanto a análise crítica de documentos corporativos quanto a experimentação de modelos pedagógicos capazes de construir, como sugere Freire, inéditos viáveis diante das situações-limite do tempo presente.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LIBÂNEO, José C. As teorias pedagógicas modernas revisitadas pelo debate contemporâneo na Educação. In: LIBÂNEO, José C.; SANTOS, Akiko. (Org.). *Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade*. Campinas: Alínea, 2005, v. 1, p. 19-62.

NÓVOA, António (colaboração Yara Alvim). *Escolas e Professores: Proteger, Transformar, Valorizar*. Salvador: SEC/IAT, 2022.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; CARVALHO, Janete Magalhães. Freire e Boaventura: concepções em diálogo imaginando futuros possíveis. *Educação e Cultura Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 55, p. 362-378, 2021.

SERRES, Michel. *Polegarzinha: uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

WORLD ECONOMIC FORUM. *The Future of Jobs Report 2016*. Genebra: World Economic Forum, 2016. Disponível em: http://www3.weforum.org/docs/WEF_Future_of_Jobs.pdf. Acesso em: 04 jan. 2026.

WORLD ECONOMIC FORUM. *The Future of Jobs Report 2020*. Genebra: World Economic Forum, 2020. Disponível em: https://www3.weforum.org/docs/WEF_Future_of_Jobs_2020.pdf. Acesso em: 04 jan. 2026.

WORLD ECONOMIC FORUM. *The Future of Jobs Report 2025*. Genebra: World Economic Forum, 2025. Disponível em: <https://www.weforum.org/reports/the-future-of-jobs-report-2025/>. Acesso em: 04 jan. 2026.

Submetido em: 06 de jan de 2026.

Aprovado em: 22 de abr de 2026.

Publicado em: 30 de abr de 2026.